DA BELEZA AO TALENTO: NOVAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA GASTRONOMIA

MARIA CLECI VENTURINI¹; ANA CAROLINA DE GODOY²

Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO
Rua Padre Salvador, 875 – 85015-430 – Guarapuava – PR – Brasil

anacarolgodoy@hotmail.com, mariacleciventurini@gmail.com

Resumo. *Historicamente, os sujeitos femininos atuam na cozinha e isso faz com que 'o estar' nessa posição ressoe como o lugar naturalizado da mulher, até mesmo quando ela atua profissionalmente na gastronomia. Nossa proposta é, em função disso, verificar quais memórias e discursos sustentam essa posição na mídia. Priorizamos, em nossas análises, um intervalo temporal de cinco anos, pois esse espaço de tempo nos permite dizer que os efeitos de sentido variam de acordo com a materialidade analisada e com os sujeitos que ocupam o lugar discursivo de interlocutores. Os posicionamentos e as análises inscrevem-se na teoria do discurso e entremeamos os estudos de gênero e de história com vistas a pensar os sujeitos-femininos na Gastronomia, perguntando pelo modo como eles são representados, considerando o funcionamento do imaginário de mulher e de homem na formação social.*

Palavras-chave: discurso; sujeitos; memória.

Abstract. *Historically, female subjects act in the kitchen and this means that 'being' in this position resounds as the naturalized place of the woman, even when she acts professionally in the gastronomy. Our proposal is, therefore, to verify what memories and discourses sustain this position in the media. We prioritize in our analyzes a time interval of five years, since this space of time allows us to say that the effects of meaning vary according to the analyzed materiality and with the subjects that occupy the discursive place of interlocutors. Positions and analyzes are part of the theory of discourse and we interweave studies of gender and history with a view to thinking the female subjects in Gastronomy, asking for the way they are represented, considering the functioning of the imaginary of woman and man In social formation.*

Keywords: discourse; subjects; memory.

¹ Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO; bolsista Capes, Processo BEX 0460/16-3, acordo Araucária/Capes, edital 017/2015. Estágio Sênior sob a supervisão do Prof. Dr. Fernando Catroga, Universidade de Coimbra.

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. Docente do Colégio e Faculdade Guairacá (Guarapuava/PR).

Introdução

O *discurso* me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro *nó*. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. (MALDIDIER, 2003, p. 15)

Esse artigo teve motivação em discussões empreendidas durante a dissertação de mestrado, que versa sobre as diferentes representações dos sujeitos-femininos e masculinos na formação discursiva da Gastronomia. Na dissertação, buscamos por memórias que constituem efeitos de naturalidade diante de sujeitos-femininos que ocupam a posição-sujeito de chefes de cozinha, enquanto os sujeitos-masculinos, nesse mesmo lugar e posição, são representados como acontecimento, especialmente, em revistas especializadas na área da gastronomia. Nesse artigo, recortamos os programas televisivos em torno dessa prática, com vistas a dar visibilidade aos processos discursivos que representam os sujeitos-femininos, destacando o imaginário em torno deles, que circula na formação social, filiando-se à formação discursiva da gastronomia.

Uma razão importante para trabalhar com a Gastronomia como objeto discursivo é o destaque que esse domínio tem alcançado na formação social, especialmente, na última década. Esse destaque não decorre somente da capacidade que os sujeitos têm demonstrado na arte de reinventar e recriar alimentos e sabores, mas, também, de discursos que resultam da relação entre memória, ideologia e história. Esse imbricamento é relevante porque os sujeitos inscrevem-se em formações discursivas que determinam o que eles podem/devem fazer ou dizer, conforme sinaliza Pêcheux (2009), a partir de determinadas posições-sujeito. Vimos que na formação discursiva da gastronomia os sujeitos-femininos têm sido há bastante tempo discursivizados a partir da beleza, constituindo simulacros de que a mulher deve/precisa primar pela estética em detrimento da competência profissional e que o lugar dela é mesmo na cozinha, portanto, cozinhar se inscreve ‘quase’ no discurso do senso comum.

Ressoa, nesse discurso, o culto à beleza, retornando discursos e memórias que sustentam o imaginário feminino permeado de sedução, beleza, capricho e pouca criatividade, ‘como se’ para esses sujeitos o sucesso estivesse atrelado à repetição e não à inovação, à criação. Entretanto, os programas televisivos, particularmente, os *reality shows* de gastronomia, têm rompido com essas memórias, instaurando distintos efeitos de sentidos, considerando que os sujeitos-femininos assumem, nesse espaço discursivo, posições de liderança, decorrentes do talento e não da beleza.

O escopo teórico a partir do qual “olhamos” e “analisamos” esse objeto de pesquisa é o da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux e ressignificada, no Brasil, por Orlandi e pelos pesquisadores filiados a esse projeto. Demanda dessa filiação a condução teórico-analítica a partir do discurso sobre/da Gastronomia como prática social e discursiva, centrada em sujeitos inscritos em lugares discursivos. Inscrevemos os sujeitos-profissionais dessa área em formações discursivas, tomando essa noção a partir de Pêcheux (2009), segundo o qual os sujeitos ocupam determinadas posições e inscrevem-se em espaços ‘marcados’, apesar de “o fechamento de uma FD ser fundamentalmente instável” (COURTINE; MARANDIN, 2016, p. 39), tendo em vista as fronteiras movediças que se deslocam e possibilitam aos sujeitos um ‘certo’ espaço de

liberdade, sinalizando para o funcionamento da ideologia pela qual se constituem efeitos de evidências, de saturação e de naturalização dos sentidos em circulação.

As discussões teóricas da Análise de Discursivo (doravante AD) tiveram início com Pêcheux e seu grupo formado, de acordo com Maldidier (2003, p. 15), por pesquisadores ligados à linguística, à História, à Psicologia Social, entre outras áreas, visto que ele “foi o homem dos andaimes suspensos de que fala, desde 1966, Thomas Herbert, sua máscara para os *Cahiers de l’analyse*”. No Brasil, Orlandi e pesquisadores ligados a ela movimentaram a teoria, mostrando, como diz Indursky (2008, p. 9), que a teoria “não é um campo doutrinário cristalizado e estanque. Ao contrário. Trata-se de um quadro teórico que gera reflexão, que se interroga constantemente [...]”. Sublinhamos, portanto, a partir da revisão teórica de Pêcheux e da continuidade das pesquisas nesse campo, que os sujeitos podem ocupar mais de uma posição-sujeito em uma mesma formação discursiva, tendo em vista as modalidades de identificação descritas e discutidas por Pêcheux (2009) e depois dele por pesquisadores do campo discursivo.

Olhamos a formação discursiva em estudo a partir da visibilidade alcançada pela gastronomia brasileira mundo afora, no início dos anos dois mil, mais especificamente por volta de 2005, ano em que o Brasil foi homenageado em congressos gastronômicos na França. Essa homenagem fez com que aumentassem as publicações especializadas e os programas de televisão em torno do tema e, mais especificamente, em torno dos profissionais da cozinha. Um dos efeitos de sentido inicialmente instaurado foi o de que a cozinha era o ambiente ‘natural’ e próprio dos sujeitos-femininos, do que resultou a valorização e a relevância da beleza em detrimento da competência em suas atuações na gastronomia. Com o passar do tempo e com o avanço das discussões e das polêmicas de gênero, foi conferida maior visibilidade aos sujeitos-femininos na formação social. As repetições discursivas que promoviam a desvalorização das mulheres sofreram transformações e o ‘talento’ passou a ressoar no discurso gastronômico que as envolve, sem desconsiderar a ‘beleza’.

Diante da Gastronomia como objeto discursivo e do recorte acerca dos sujeitos-femininos investidos da posição-sujeito de liderança, investigamos, nesse artigo, como as representações em torno desses sujeitos circulam na mídia especializada e em programas de televisão nos últimos cinco anos. Para isso, recortamos dois programas de televisão: o *MasterChef Brasil* e *Hells Kitchen – Cozinha sob pressão*. Refizemos o percurso histórico da Gastronomia e a posição-sujeito dos sujeitos-femininos, com vistas a ressignificar essa prática, historicizando-a. Destacamos sempre que, na perspectiva discursiva, interessam os efeitos de sentido de práticas sócio-discursivas e não os seus conteúdos e resultados. Vale ressaltar que a História, nessa perspectiva, vai significar pelos efeitos de sentidos que constitui e pelos domínios de memória que irrompem e trabalham no discurso em circulação. Além disso, perpassamos nossas análises pelos estudos de gênero para melhor compreender a invisibilidade imputada aos sujeitos-femininos ao longo da história.

1. A Análise de Discurso como disciplina de entremeio

A Análise de Discurso como disciplina de entremeio nasceu, de acordo com Maldidier (2003, p. 16), “sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo

histórico e a psicanálise”. Como destaca Orlandi (2015, p. 20), ela não se “reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela teoria marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a psicanálise”. Segundo a mesma autora, a AD se centra no que essas disciplinas deixam de fora, buscando a historicidade, o simbólico, a ideologia e o sujeito. O seu objeto é o discurso constituído pela língua na história, aliando, conforme Pêcheux (2009) uma base linguística e processos discursivos. Orlandi (2015, p. 17) destaca que “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos” e isso faz com a disciplina pratique a resistência dentro da ciência.

Pêcheux (2009, p. 237, grifo do autor) sublinha que “o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição”, remetendo à noção de metáfora, tão cara aos analistas de discurso. Para o autor, o sentido não reside na literalidade do signo linguístico, pois é o “efeito de uma relação no elemento do Significante” (p. 239), funcionamento que Lacan denomina de *metáfora*. É por meio dessa transferência que as palavras e os significantes revestem-se de sentido, de modo que um domínio encaminhe e faça ressoar outro. Vale destacar, por isso, que noção de sentido não advém da “essência das palavras”, conforme Orlandi (2012, p. 27) e também não é qualquer um, devido às filiações histórico-sociais e políticas imbricadas.

O sentido, ainda em consonância com Pêcheux (2009), não se prende à literalidade, mas às posições ideológicas daquelas que as mobilizam. Com isso, colocamos em suspenso a relação sujeito-feminino na gastronomia e a filiação delas ao domínio do belo em detrimento da competência profissional. A partir de Pêcheux (2009) e de Orlandi (2004) entendemos que o sujeito ‘esquece’ dessa interpelação, mas ela decorre da instância jurídico-política-ideológica. Em outras palavras, “o EGO, isto é, o imaginário no sujeito [...] não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *Sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma da autonomia*” (PÊCHEUX, 2009, p. 149, grifo do autor).

O sujeito tem sua “identidade” constituída por meio da interpelação ideológica e esse processo é plenamente realizado quando o sujeito passa a falar do lugar do “eu”. Apesar de o sujeito ideológico ser vinculado ao sujeito de direito (PÊCHEUX, 2009), em AD, essa “identidade” é passível de falhas, visto que o sujeito identifica-se com determinadas formações discursivas, mas essa identificação não é plena e a ‘mobilidade/passagem’ de uma modalidade de identificação à outra (identificação, contraidentificação ou desidentificação) constitui para o sujeito “um certo espaço de liberdade”, conforme Indursky (2008, p. 15). Por ser um animal ideológico, entretanto, o sujeito identifica-se sempre a uma ideologia. No entanto, há um pequeno ‘espaço’ que “indica com clareza que o homem tem uma certa margem de movimentação e que não está condenado a se manter para sempre identificado com o mesmo domínio de saber” (INDURSKY, 2008, p. 15). É por isso que, nessa teoria, o sujeito desdobra-se, fragmenta-se e o sentido sempre pode ser outro.

A memória, na Análise de Discurso, funciona como pré-construído, como o já lá da interpelação, como interdiscurso que Orlandi (2015) considera como sinônimo de memória discursiva. Mas há autores que diferenciam o interdiscurso da memória discursiva, considerando essa última relacionada a formações discursivas, enquanto o

interdiscurso abarca o todo e nele não há um sujeito responsável pelo dizer. No interdiscurso, de acordo com Courtine (1999), o dizer é anônimo.

Pêcheux (2010) destaca que a *memória discursiva* é um mecanismo de restabelecimento dos implícitos, pré-construídos, discursos transversos para um texto/discurso tido como acontecimento. Porém, essa rede de implícitos, apesar de parecer estável e sedimentada sob a repetição/regularização, corre o risco de se desfazer frente ao peso de um acontecimento discursivo novo, que pode ser deslocado, e ter desmanchada sua aparente regularização. Assim, há um jogo de forças na memória, que é desestabilizada frente ao acontecimento e, como diz Pêcheux (2010), ou mantém a regularização e os implícitos que ela faz circular, ou desregula, perturbando a rede parafrástica. Orlandi (1998) mostra como ocorre esse ‘jogo’ por meio dos mecanismos que indicam a repetição por redes de memória – paráfrase – e pela polissemia, em que a repetição nunca é igual e é nesse funcionamento que o ‘novo’ ressoa pela instância da memória.

Diante disso, não há como deixar de lado o domínio da gastronomia. Esse domínio funciona como condição de produção e ajuda a compreender a representação da mulher no discurso em tela. Nesse discurso, há regularidades e as redes parafrásticas traçam as redes de sentido, sinalizando para distintas representações entre os sujeitos masculinos e os sujeitos femininos, mesmo eles estando no mesmo lugar. O homem, nesse mesmo lugar, constitui-se como um acontecimento, sinalizando que se ele está nesse lugar é porque é sucesso. E essa divisão discursiva no discurso gastronômico implica enfocar os estudos do gênero.

2. Estudos de gênero e o funcionamento da memória na Gastronomia

Scott (1995) sinaliza que o termo *gênero* foi, inicialmente, utilizado como forma de classificar os sujeitos em relação ao seu sexo biológico ou à sua sexualidade. Segundo a autora, o termo, nessas condições de produção, teria surgido com a primeira fase das feministas americanas, que conduziam estudos pela linha biológica de raciocínio. Posteriormente, na segunda fase de estudos, a linha biológica foi questionada e refutada, outra formação emergiu e o conceito de gênero passou a ser entendido como socialmente construído, dando início aos estudos de gênero até hoje realizados.

Nicholson (2000) defende que o lugar social do feminino tem a ver com o determinismo biológico, com fundacionismo biológico e com o construcionismo social. Para a autora, o determinismo biológico concebe o gênero como biológico, em que o sexo é biologicamente determinado e determinante. No fundacionismo biológico, Nicholson (2000) contesta a concepção do determinismo biológico, trazendo a noção de que os sentidos e as características da relação do corpo com seus significados biológicos são construídos ao longo da vida, contrapondo a imutabilidade anteriormente fixada. Dessa contestação resulta a noção de construcionismo social, em que a formação social e seus sujeitos são vistos como, além de integrantes, como sujeitos a partir dos quais se constituem efeitos de sentidos pelas memórias que retornam e pelo modo como esses sujeitos se significam e significam o ‘outro’.

A partir do pensamento ocidental de binaridade, Giffin (1994) afirma que ideias sobre “masculino/feminino são refletidas/imbutidas também nos conceitos de cultura/natureza, razão/emoção, sujeito/objeto, mente/corpo” (p. 151), e se aplicadas à construção de gênero, afirmam que o homem é identificado com a cultura/mente/razão, enquanto a mulher é identificada com natureza/corpo/emoção. Essa binaridade também nos ajuda a entender como se constituem as diferenças mais significantes entre identificações masculinas e femininas. A autora cita os estudos de Chodorow (1978), em que conclui que as meninas desenvolvem a identidade de gênero a partir da identificação com a mãe, por meio de uma relação continuada.

Giffin (1994, p. 153) ainda afirma que “[...] a menina se identifica com um outro (mãe) desvalorizado”. Tal afirmação reflete a naturalidade com que a mulher é objetificada, pois esse efeito foi construído no processo de identificação de gênero. Vemos que, inconscientemente, por meio da diferenciação e do reconhecimento, a origem psicológica da dominação caminha lado a lado com a identificação. Assim, o feminino constitui relações produzidas e legitimadas cultural e historicamente, fazendo com que as representações dos sujeitos-femininos variem conforme as condições em que são produzidos os discursos e pelo modo como circulam as memórias.

Os mecanismos de identificação de gênero atuam em diversas formações discursivas dentro da formação social contemporânea, inflando cada vez mais discussões dentro dos campos teóricos de estudo. Em nosso recorte, vemos, em seguida, como atuam e atuaram os mecanismo de gênero na história da gastronomia, formulando memórias que contribuem para os efeitos de sentido atualmente em circulação.

Com a alimentação deixando de ser uma característica puramente fisiológica do ser humano, em que transformava as características naturais do alimento, e passando a agregar características subjetivas, como a sensação de prazer ao alimentar-se, ou seja, passando da *culinária* para a *gastronomia*, foi necessária a criação de uma posição que suprisse a crescente demanda pela alimentação enquanto arte e sinestesia. Surge, então, o profissional da cozinha, o *chef* de cozinha.

Scavone (2007) destaca que é comum associarmos a cozinha e as práticas advindas dela ao gênero feminino e “aos papéis sociais normatizados, como mãe, esposa, empregada” (p. 36), o que vai ao encontro do que Bordieu (2014) mostra em seu “esquema sinóptico das oposições pertinentes” (p. 23) ao afirmar que o ambiente “de dentro”, privado, compete ao gênero feminino. O autor vai mais além ao atribuir a esse gênero as designações “sob”, “embaixo”, “ordinário”, “sagrado” e “dominado”.

Entretanto, a observação do fenômeno da gastronomia, com seus restaurantes estrelados e jantares nababescos faz ressoar o gênero masculino em sua vestimenta profissional. Tal situação vai, mais uma vez, ao encontro do pensamento de Bordieu (2014), pois para o autor, à mulher compete o privado, ao homem compete o público, o que é “de fora”, além do “sobre”, “em cima”, “oficial”, “fogo”, “sol” e “dominante”. A cozinha profissional reclama o gênero masculino (SCAVONE, 2007) e mostra a hegemonia masculina construída na formação social e, indicando que ela influencia, a forma como os cozinheiros e cozinheiras são significados em sua profissão.

Dentro das condições da gastronomia, vemos historicamente a dominação do gênero masculino em relação ao feminino. Atualmente, ainda vivemos esse quadro, porém com uma significativa quebra da hegemonia masculina ao encontrarmos cada vez mais espaço para o surgimento de profissionais do gênero feminino com o mesmo *status* dos profissionais masculinos. Segundo Scavone (2007), o gênero feminino, dentro das condições da gastronomia, foi inferiorizado, pois as mulheres que exerciam a profissão remunerada de cozinheira eram contratadas porque seus contratantes não eram ricos o suficiente para contratar um profissional homem.

Para compreendermos as condições de produção da formação discursiva da Gastronomia no Brasil, é necessário retomar a história da cozinha brasileira. No período pré-invasão portuguesa, até o século XVI, os habitantes nativos já dividiam suas tarefas com base no gênero: aos homens, cabia a caça, a pesca e a confecção de utensílios para tais atividades; às mulheres, a atividade agrícola, que englobava a plantação e colheita, a limpeza e preparação de alimentos, além das responsabilidades com as crianças (FREIXA; CHAVES, 2008).

Posteriormente à invasão portuguesa, teve início, ainda no século XVI, o período mais triste da história do país: a escravidão. Freixa e Chaves (2008) destacam que a introdução do sujeito-mulher-negra na cozinha do sujeito-mulher-portuguesa/europeia foi de fundamental importância para moldar a cozinha brasileira nos moldes que a conhecemos hoje. Aos sujeitos-femininos, tanto escravas como portuguesas, cabia o espaço privado, doméstico.

Com o fim da escravidão, no século XIX, houve a introdução de trabalhadores europeus na formação social brasileira e, mais uma vez, aos sujeitos-femininos coube o espaço privado, com exceção às trabalhadoras que atuavam na colheita junto ao homens e que, no ambiente doméstico, eram as responsáveis pela cozinha. Ainda nesse século, os renomados *chefs* de cozinha europeus possuíam visibilidade e a prática era comum na França. Porém, no Brasil, não havia interesse por parte dos sujeitos-masculinos de atuarem na cozinha.

Scavone (2007) destaca a cozinha era ligada à esfera familiar, privada, e constituía um espaço de extremo poder, pois algumas receitas e segredos eram passados de geração em geração, independente da etnia – nativas, africanas, europeias –, como uma espécie de dote. Dessa maneira, vemos que o domínio das atividades no ambiente da cozinha era, aqui e àquela época, feminino.

No século XX, com a chegada de *chefs* estrangeiros ao Brasil, o olhar acerca dos sujeitos ocupantes da posição de liderança na cozinha começou a mudar. O sistema patriarcal e a dominação masculina contribuíram para apagar e silenciar a história dos sujeitos-femininos na cozinha, naturalizando a posição ocupadas anteriormente.

Tendo em vista os pressupostos teóricos aqui mobilizados, passamos, em seguida, às análises de nosso *corpus*, que são dois programas televisivos, ambos divididos em temporadas.

3. Da beleza ao talento: um lugar para o sujeito-feminino

Os pressupostos teóricos mobilizados iluminam as análises do *corpus*, estruturado a partir de dois programas televisivos, ambos divididos em temporadas. Vale destacar os programas televisivos e a abordagem da gastronomia como recorrentes e muito assistidos no Brasil. O *MasterChef Brasil* é o programa do gênero de maior visibilidade no país. Possui estilo *reality show*, é dividido em temporadas e encerrou sua quarta temporada na televisão brasileira em 2016. O programa teve início em 2014 e possui três jurados fixos: dois homens e uma mulher, sendo que dois são estrangeiros – a mulher, inclusive – e um é brasileiro. Nosso foco é investigar como os efeitos de sentido em torno da jurada mulher foram e são produzidos na formação social, tendo em vista a visibilidade alcançada por ela, e por outras profissionais nesse ramo, nos últimos anos, a partir desse *corpus*.

Em uma publicação em um portal de notícias, de dois mil e quatorze, sobre a jurada – *chef* profissional e líder em seu restaurante – é dito que

ela é implacável. Às vezes faz o papel de falsa boazinha. Depois de cada garfada, olha firme nos olhos do concorrente e dá uma risadinha no canto da boca. Como jurada, é a mais exigente: “Ajo como se estivesse no meu restaurante. Se não fez um bom trabalho, não importa se chorar”³. (CASTRO, 2014)

Na descrição da jurada, há adjetivos como “implacável” e “exigente”. Em um primeiro momento, sob a luz de uma interpretação inicial, pensamos ser essa a função destinada à jurada dentro de um roteiro já estabelecido. Porém, ao aprofundarmos nosso olhar, os efeitos de sentidos que ressoam pelas palavras “implacável” e “exigente” poderiam encaminhar a um jurado, já que a formação discursiva da gastronomia confere aos sujeitos-masculinos sentidos de competência e de dominância. Diante disso, e do direcionamento já dado pela história, entendemos que ocorre o rompimento com memórias já estabelecidas, encaminhamento para efeitos de sentidos outros.

Um dos efeitos dessa transformação é a ressignificação do lugar do sujeito-feminino e também da gastronomia. Como trabalhamos com o discurso, interessa-nos saber como esses efeitos se constituem pela língua na história. Isso pode significar que os sujeitos-femininos vêm ganhando destaque na formação discursiva da gastronomia, pois a esses sujeitos significados a partir de uma representação antes exclusivo dos profissionais masculinos.

As palavras “implacável” e “exigente”, funcionando na formação discursiva da gastronomia e referindo-se ao sujeito feminino que coordena o programa, mobilizam discursos e memórias que nem sempre encaminham para a valorização da mulher na cozinha e para a mudança de paradigmas. As redes parafrásticas constituídas pelo entrelaçamento decorrente desses duas palavras sinalizam que o sujeito detentor dessas qualidades pode ser visto mais como um sujeito masculino do que propriamente como mulher. Ainda, de acordo com De Certeau (1996, p. 218),

³ Disponível em <http://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,um-dia-no-estudio-cozinha-de-masterchef,10000008547>. Acesso em 27 out. 2016.

as práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e mais desprezado. Na França, é de tradição que a responsabilidade caiba quase exclusivamente às mulheres e que essas tarefas sejam objeto de sentimentos ambivalentes: a cozinha francesa é valorizada em relação às nações vizinhas, a importância da alimentação infantil e da higiene da família é sublinhada pela mídia, a reponsabilidade e o papel da dona de casa [...].

A partir do que diz De Certeau (1996) é possível ver a recorrência relativa ao lugar da mulher e a sua responsabilidade pela culinária, ressoando então a diferença entre culinária e gastronomia. Essa diferença legítima, de certa forma, o sujeito-feminino no programa de gastronomia como implacável e exigente, mas ao mesmo tempo dá visibilidade e naturaliza a cozinha como lugar da mulher. Então, nesse lugar, ela pode e deve ser exigente. Trata-se da saturação dos sentidos decorrente da filiação do sujeito-feminino na FD da gastronomia a partir de uma posição-sujeito diferenciada, que pode identificar-se ou contridentificar-se com os saberes em torno da mulher que ‘julga’ e avalia quem ‘sabe’ cozinhar com arte.

O mesmo De Certeau (1996) indica que os efeitos de sentidos do cozinhar, indicam uma das práticas mais humildes e repetidas no tempo e no espaço, “com urdidura das relações com os outros e consigo mesmo, marada pelo ‘romance familiar’ e pela história de cada uma, solidária das lembranças de infância [...]”. Com isso, o posicionamento do sujeito como implacável pode ressoar como resistência em relação às memórias em funcionamento, repetindo discursos que já circularam antes e que retornam, sustentando, determinando o lugar da mulher na cozinha, como autoridade. A mulher ‘transmite’ o saber próprio da cozinha, mesmo quando essa atividade é levada à excelência, pois conforme ressalta o mesmo autor, os *grands chefs* são homens.

A arte da culinária exige, segundo De Certeau (1996, p. 219), “uma memória múltipla: memória de aprendizagem, memória de gestos vistos, das consistências, por exemplo para saber o momento exato em que o creme inglês está no ponto e retirá-lo do fogo para não derramar. Exige uma inteligência programadora”. Essa inteligência programadora é que dá destaque a quem é implacável e que pode estar alterando os efeitos de sentido em torno da culinária e da gastronomia, bem como a valorização e o espaço da mulher. No programa destacado, o sujeito-feminino atua como jurado, não como *chef*.

O segundo programa televisivo analisado - o *Hells Kitchen: Cozinha sob pressão* –, veiculado desde dois mil e quatorze, apresentou sua quarta temporada e se caracteriza por um diferencial. Nesse programa, a cozinha está sob o comando de uma mulher. O seu formato exige um *chef* comandante de duas equipes, equivocadamente divididas pelo gênero, e foi, durante as três primeiras temporadas, comandado por um profissional masculino. É interessante destacar que a quarta temporada brasileira do programa, exibida em dois mil e dezesseis, é a primeira de toda a franquia mundial a trazer uma mulher à frente da apresentação. A própria apresentadora afirma que é uma atitude “vanguardista” e que vai “representar bem todas as mulheres guerreiras”⁴.

⁴ Disponível em <http://www.sbt.com.br/hellskitchen/fiquepordentro/78857/Danielle-Dahoui-e-a-nova-chef-do-Hells-Kitchen-Cozinha-sob-Pressao.html>. Acesso em 27 out. 2016.

No discurso da apresentadora, *chef* brasileira com mais de vinte anos de atuação – e liderança – inscrita na FD da gastronomia, é possível visualizar a voz do sujeito-feminino falando sobre sua posição-sujeito no programa. Nos demais exemplares de discurso, analisados na dissertação, os sujeitos-femininos são descritos, explicados, adjetivados, objetificados pela repetição de uma prática. No entanto, no programa televisivo focado, embora ouçamos a voz do sujeito feminino, não há discursivização da posição-sujeito da mulher. Vemos, dessa vez, um novo elemento produtor de sentidos, a fala em torno de uma condição.

Ao dizer “todas as mulheres guerreiras”, instaura-se pelo discurso desse sujeito efeitos que sintetizam e problematizam os estudos de gênero e a formação social da atualidade, pois ressoam memórias de luta, de resistência, de força e coragem. Trata-se do sujeito-feminino na luta por um lugar que seja visto como resultado de sua competência profissional e não da beleza, do capricho, somente.

Efeitos de fechamento

Neste trabalho, nos propusemos a investigar como acontecem as representações dos sujeitos-femininos nos meios de comunicação, mais especificamente em revistas especializadas na FD da gastronomia e em programas televisivos que abordam o tema. Tomamos como aporte teórico a Análise de Discurso de linha francesa e seus pressupostos, enfocando a memória discursiva, o interdiscurso e o funcionamento da ideologia. Perpassamos, também, nossa análises pelos estudos de gênero e pela historicidade em torno da história dos sujeitos-femininos dentro do ambiente da cozinha e da gastronomia.

As análises, realizadas em revistas especializadas, em nossa dissertação, mostraram que, na formação discursiva da gastronomia presente na formação social de dois mil e doze, os programas televisivos de alcance popular ainda eram inexistentes, e as representações dos sujeitos-femininos em revistas especializadas, os efeitos produzidos remetiam à hegemonia masculina dentro dessa formação, pois, ao sujeitos-femininos, cabia a objetificação, a beleza, a função de ser “consumida”.

Nesse texto, focamos em programas televisivos de grande alcance, iniciados em dois mil e quatorze e ainda exibidos na atualidade. Com isso, percebemos que os efeitos de sentido circulantes diferem dos produzidos pelas revistas, pois neles os sujeitos-femininos alcançam maior visibilidade, o que contribui para mudanças em relação a representações desses sujeitos.

A formação discursiva da gastronomia tem as bases de sua história construídas sobre a invisibilidade e silenciamento dos sujeitos-femininos na posição-sujeito de liderança, fato que atribuiu aos sujeitos-masculinos a visibilidade que possuem até os dias atuais. Felizmente, as condições de produção dos últimos anos têm contribuído para que os sujeitos-femininos tomem suas posições e sejam representados como, de fato, atuam.

Referências

- BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Bras. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- DE CERTEAU, Michel; MAYOL, Luce Giard. **A invenção do cotidiano**, 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- CASTRO, Míriam. Um dia no estúdio-cozinha de ‘MasterChef’. Disponível em <http://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,um-dia-no-estudio-cozinha-de-masterchef,10000008547>. Acesso em: 27 out. 2016.
- COURTINE, J.-J.; MARANDIN, J.-M. Que objeto para a Análise de Discurso? Em: CONEIN, B. *et al.*, **Materialidades Discursivas**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2016.
- FREIXA, D.; CHAVES, G. **Gastronomia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Senac, 2008.
- GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 146-155, 1994.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. Em: MITTMAN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre, Nova Prova, 2008.
- MALDIDIER, D. A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2003.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, Santa Catarina, 2000.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- _____. **Interpretação**, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ª. ed., Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Paráfrase e Polissemia – a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, p. 9-19, 1998.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. Em: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Trad. Bras. 3ª. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Bras. 5ª. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- SBT. Danielle Dahoui é a nova chef do Hell’s Kitchen: Cozinha sob Pressão. Disponível em <http://www.sbt.com.br/hellskitchen/fiquepordentro/78857/Danielle-Dahoui-e-a-nova-chef-do-Hells-Kitchen-Cozinha-sob-Pressao.html>. Acesso em 27 out. 2016.

SCAVONE, Naira. Discursos da gastronomia brasileira: gêneros e identidade nacional postos à mesa. 2007. Dissertação. Mestrado em Educação, (Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, , 71-99, jul.- dez. 1995.

Artigo recebido em: maio de 2017.

Aprovado e revisado em: outubro de 2017.

Publicado em: novembro de 2017.

Para citar este texto:

VENTURINI, Maria Cleci, GODOY, Ana Carolina de. Da beleza ao talento: novas formas de representação do feminino na Gastronomia. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, *on-line*, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 15, p. 47-58, jul. - dez. 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol15pagina47a58>